



Revista Educação Especial

ISSN: 1808-270X

revistaeducaçoespecial.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Pozzatti Dal-forno, Josiane; Fortes de Oliveira, Valeska
Ultrapassando barreiras: professoras diante da inclusão
Revista Educação Especial, núm. 26, -, 2005, pp. 1-4
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313127396011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

... Cadernos :: edição: 2005 - Nº 26 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

Ultrapassando barreiras: professoras diante da inclusão

**Josiane Pozzatti Dal-forno
Valeska Fortes de Oliveira**

Este artigo apresenta algumas considerações sobre o processo de inclusão, elaboradas a partir da análise dos relatos de vida de três professoras que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em classes regulares de uma escola pública de Santa Maria, RS. Um outro olhar foi possível, considerando que as professoras não possuem formação em Educação Especial. As narrativas de vida das professoras deram visibilidade aos desafios enfrentados por elas, principalmente em relação à estrutura escolar. No entanto, percebeu-se a importância atribuída à interação e as trocas realizadas entre os alunos.

Palavras-chave: Educação. Escola Inclusiva. Interação.

Introdução

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais representa um desafio para os professores que os recebem e requer um investimento da escola, enquanto instituição, na organização e implementação de uma escola aberta a todos.

A construção de uma escola inclusiva requer um desejo coletivo de mudança, de enfrentamento de barreiras e, principalmente, uma constante busca visando a aprendizagem de todos. Uma escola inclusiva é uma construção de possibilidades e de saberes.

Desse modo, necessitamos ouvir os professores que recebem esses alunos, conhecer os desafios que enfrentam e as alternativas por eles encontradas. Muitos professores consideram que a ausência de disciplinas, durante os cursos de formação, é um empecilho para trabalhar com alunos que apresentem necessidades educacionais especiais. Porém outras posturas são assumidas frente à inclusão, e precisamos conhecê-las melhor.

Nesse sentido, abordamos a inclusão vivenciada por três professoras do ensino fundamental de uma escola pública de Santa Maria/RS. Suas narrativas se constituem em materiais significativos para compreensão desse processo, pois remetem, entre outras coisas, a estrutura escolar como um todo, capaz de contribuir ou não para sua implementação.

Ultrapassando barreiras

Aceitar o desafio da inclusão é ir além, é ultrapassar barreiras, e a mais conhecida delas é a ausência de formação para trabalhar com alunos cujas necessidades educacionais especiais não foram abordadas durante o curso de magistério ou de graduação.

Nesse sentido, Mantoan (2001) aborda a dicotomia ensino regular/ensino especial existente nas escolas e nos cursos de formação, a qual define mundos diferentes que levam à idéia de que o ensino de alunos com deficiência e com dificuldades de aprendizagem, entre outros, exige conhecimentos e experiência fora do alcance dos professores de classes regulares.

Essa dicotomia se reflete na idéia que os professores têm sobre seu preparo para trabalhar com alunos com deficiência, e na postura que assumem frente à inclusão. Carvalho (2004, p. 27) ressalta que:

Os professores alegam (com toda razão) que em seus cursos de formação não tiveram a oportunidade de estudar a respeito, nem de estagiar com alunos da educação especial. Muitos resistem, negando-se a trabalhar com esse alunado enquanto outros os aceitam, para não criarem áreas de atrito com a direção das escolas. Mas, felizmente, há muitos que decidem enfrentar o desafio e descobrem a riqueza que representa o trabalho na diversidade.

Para alguns professores a ausência de formação para trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais é motivo suficiente para não aceitarem esse desafio. Mas, Rodrigues (1999, p. 34) verificou que 87,5% das professoras entrevistadas posicionaram-se a favor da inclusão e aceitariam um aluno com deficiência em suas salas de aula. A autora acrescenta que:

Mesmo com todos os problemas que enfrenta, esse professor vem dizer SIM a uma nova proposta,

difícil de ser implementada e que implicará enormes mudanças, deixando claro que ele está disposto a mudar talvez porque sua prática já não esteja mais atendendo as necessidades de todos os alunos e talvez isto esteja lhe incomodando profundamente.

Essa postura profissional revela que a inclusão é verdadeiramente um desafio para os professores da rede regular de ensino, porém estes têm se colocado a favor desta nova realidade escolar, o que será imensamente positivo para todos os envolvidos. A partir desta postura assumida pelos docentes, é que se poderá vislumbrar mudanças eficazes no sistema de ensino, pois estes são os agentes principais deste processo.

A rejeição de alguns professores com relação a presença do aluno com necessidades educacionais especiais na sua sala de aula pode estar relacionada à falta de informação ou, como alguns atribuem, à ausência de formação. Representações presentes no imaginário social instituído também podem contribuir para a rejeição do aluno.

Ao contrário, Sonia opta por trabalhar com os alunos incluídos porque encara o desafio e não vê a diferença como um problema previamente colocado no aluno. Ao final do ano, na reunião citada por ela, as professoras entram num consenso para definir as turmas com alunos incluídos. No entanto, a maioria delas possui pelo menos um incluído.

Inclusive assim ó, como é que eu vou te dizer, mais ou menos a gente faz essa divisão dos alunos, da turma com aluno incluso no final do ano, então a gente... ninguém obriga a pegar este ou aquele aluno, a gente entra num consenso, e eu por exemplo, assim, eu não tenho, eu não fico com aluno incluso por obrigação, eu fico por escolha, por opção mesmo. Eu não me nego. Tem gente que se nega a trabalhar. Mas eu fico porque quero, porque gosto né, sem problemas (Sonia).

Optar por enfrentar o desafio, com as incertezas e dificuldades que este implica, requer um investimento pessoal, uma postura aberta às mudanças. Implica também um outro olhar sobre a prática e as atividades diárias, priorizando a interação e a cooperação entre os alunos. Desse modo, a inclusão é um desafio que ela procura enfrentar, buscando estratégias para possibilitar aos alunos adquirirem conhecimento, principalmente através de atividades coletivas.

[...] eu procuro dentro dessa escola tradicional, que tem essa estrutura, procurar trabalhar algumas coisas assim deles construírem o próprio conhecimento. Então a gente enfrentava um monte de dificuldade, por exemplo, as classes todos os dias estão uma atrás da outra. Então todo dia para eles fazerem um trabalho de interação, de troca, tem que ter, tem que sentar junto, então todo dia tu tens que organizar as classes em conjunto. Uma colega minha disse que se ela fosse diretora da escola ela pregaria no chão as classes. Não teria como, em grupo já que desmanchar aquele grupo, as pessoas iam ter que ser obrigadas a trabalhar em grupo. Eu acredito muito assim nessa troca, essa troca que é significativa para as crianças (Sonia).

No entanto, a organização da escola surge como uma dificuldade para Sonia, que busca promover atividades de interação e de troca, as quais implicam trabalhar em grupo. "Aprender a conviver com a diferença prepara o sujeito para a vida. No entanto, é necessário que o convívio tenha como base um contexto que saiba aproveitar a diferença como um recurso a ser explorado e não como uma limitação a ser superada" (Baptista, 2001, p. 38).

Carvalho (2004, p. 109) alerta que "[...] há que ter todo o cuidado com a construção de nossas narrativas em torno da escola inclusiva, evitando-se que as práticas de significação levem a conferir à escola o sentido de espaço físico, no qual devem ser introduzidos todos, para deles constarem". E essa concepção de inclusão como algo que vai além da simples inserção no ambiente escolar pode ser percebida no relato da professora:

Temos uns desafios grandes em termos de inclusão, temos vários tipos de alunos [...] com vários tipos de problemas [...]. Eu acho assim que a inclusão tem que ser assim, tem que trabalhar com o conjunto. Aí funciona, dentro do possível. Trabalho com a turma também, não adianta assim ter um aluno incluído e... ter com que... fazer com que ele esteja integrado com a turma, porque às vezes tu tem incluído e a turma não se integra com o aluno, aí não é inclusão. Ele vai ficar num canto, num lado (Tania).

Para ela é necessário que haja um trabalho em conjunto com toda turma, o que demonstra uma preocupação com a interação entre os alunos. Entretanto, a escola, muitas vezes, se torna um empecilho na promoção de atividades diferenciadas, assumindo uma postura tradicional, como relata Sonia:

Eu acho assim ó, uma das dificuldades que a gente tem também, é a questão de operacionalização da escola, sabe, a escola, ela, sua organização assim, às vezes, não permite, às vezes tu vem com um trabalho com intenção de trabalhar e tu tem um projeto muito bom, embora o projeto às vezes esteja só na tua cabeça, mas aí a própria organização da escola não permite que tu faça esse trabalho. As pessoas que estão na equipe diretiva, às vezes, não te dão o espaço, não te dão condições para que

isso aconteça, um apoio, a própria estrutura da escola (Sonia).

O ensino tradicional, com suas técnicas e métodos baseados na transmissão de conhecimentos e na individualização das tarefas constitui uma barreira no caminho da escola inclusiva. A competição, a homogeneização de respostas e comportamentos e o medo de errar impedem o reconhecimento das diferenças e a riqueza que trazem para o desenvolvimento de todos (Mantoan, 2003).

Essa riqueza a que Mantoan (2003) se refere é possível perceber no relato de Sonia. Para ela não são apenas os alunos incluídos que se beneficiam do espaço compartilhado em sala de aula, pois todos têm algo a aprender um com o outro. No decorrer de sua carreira, vivenciou situações que contribuíram para sua postura frente à diferença.

É gratificante também, assim, porque eles também têm os seus saberes, têm os seus viveres e eles colocam isso na sala de aula. Eu tinha um aluno que tinha uma idade bem mais avançada que os outros e ele contava umas histórias e tocava teclado e os outros ficavam encantados ouvindo aquilo, então é, há uma troca, há essa troca, não é só o aluno incluído que se beneficia com essas, com essa convivência com os ditos normais, os outros também têm esse, se beneficiam com isso porque sabem que tem uma história de vida diferente, que tem uma história né. Por exemplo, ele era, tocava teclado muito bem, tinha essa coisa da música, os outros não tinham né, então tem isso (Sonia).

Para a professora a inclusão traz vantagens não só para o aluno incluído, mas também para os outros, isso mostra que a interação entre eles favorece muitas trocas e diferentes saberes. O desafio de trabalhar com a diversidade traz benefícios aos alunos e aos professores, pois as tradicionais práticas passam a ser questionadas quanto à sua validade frente às diferenças de aprendizagens, e o envolvimento entre os alunos pode possibilitar ganhos significativos na aprendizagem de todos. Por isso, a prática inclusiva envolve a todos cooperativamente para aprendizagem de cada um.

De acordo com Baptista (2001, p. 39), "é fácil de imaginar que um aluno com deficiência será auxiliado pelo colega considerado normal; nosso desafio deve ser o oposto: devemos ser capazes de projetar situações que permitam, inclusive, que o aluno com deficiência auxilie e ensine o seu colega".

Os professores de classe regular têm a falsa impressão de que não estão preparados para recebê-los, mas quando vivem a experiência de ensinar a turma toda, com suas diferenças e necessidades, essa impressão desaparece. "Esses professores vão se conscientizando de que as crianças seguem caminhos diferentes para aprender e de que isso é normal" (Mantoan, 2001, p. 235). Conforme Carvalho (2004, p. 36), o conceito de escola inclusiva "implica, incondicionalmente, na mudança de atitudes frente às diferenças individuais, desenvolvendo-se a consciência de que somos todos diferentes uns dos outros e de nós mesmos, porque evoluímos e nos modificamos".

Tania entende que a inclusão não é algo impossível, pois, com o tempo e com os alunos que teve, aprendeu a trabalhar com eles, mas continua sendo um desafio e por isso precisa de apoio. O tempo segundo ela contribuiu para que, apesar de não ter formação como diz, ter aprendido a trabalhar com alunos incluídos.

Então eu acho assim que, mesmo a gente sabendo pouco sobre a inclusão, ou sabendo, pouco e ao mesmo tempo muito, porque quanto tempo faz. Muito que eu digo assim, cada tipo de aluno, a gente não estudou especificamente, mas eu acho que a inclusão continua sendo um desafio, mas ao mesmo tempo não é nada impossível, que a gente não possa trabalhar. Se eles são assim incluídos numa turma é porque eles têm condições de ficar na turma e ir né, com auxílio, com ajuda, com nosso trabalho com eles, também, uma dedicação, eu acho que tem que ter uma dedicação especial, porque olha é difícil tu conseguir conciliar a turma dos regulares com eles, porque às vezes é difícil (Tania).

Além disso, ela aponta para a necessidade de dedicação por entender que é difícil atender "os regulares" e "eles". Entretanto, considera que a inclusão não é impossível, isso reflete a confiança em seu trabalho realizado já há algum tempo com alunos incluídos.

Muitos professores relatam que trabalhar com crianças com necessidades especiais não é tão difícil quanto temiam e, por vezes é até mais fácil do que ensinar crianças que não tenham sido rotuladas como tal (Mittler e Mittler, 1999).

A inclusão representa um desafio para as professoras, no entanto, elas entendem que é possível trabalhar dentro desta perspectiva e, além disso, percebem que os saberes que os alunos trazem consigo são diferentes e isso favorece as trocas e a aprendizagem.

Considerações finais

Com base nas narrativas das professoras é possível verificar que a ausência de formação não as impediu de aceitarem o desafio posto pela inclusão. Dessa forma, observamos que uma postura aberta à mudança, dos professores e da escola, é fundamental dentro de uma escola inclusiva. Essa postura revela a necessidade de romper com a idéia preconcebida que muitos têm, que só educadoras especiais podem trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais. Existem ainda muitos obstáculos

podem trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais. Existem ainda, varios obstacuos no caminho da escola inclusiva a serem ultrapassados, porém é importante olhar o que vem sendo construído pelos professores que os recebem e pelas escolas que visam a inclusão.

As professoras revelaram, também, a importância de um trabalho interativo e cooperativo entre os alunos, capaz de favorecer a aprendizagem de todos. O processo de inclusão necessita ser discutido com todos os envolvidos para visualizar estratégias mais adequadas de acordo com cada escola.

A inclusão não pode ser pensada como um trabalho concluído e individual. A escola, lugar que possibilita partilhar experiências e, com isso, objetivar os saberes experienciais, poderia proporcionar espaços de discussão para envolver mais as professoras na proposta inclusiva. Dessa maneira, seria um lugar privilegiado para se aprender sobre a inclusão, sendo possível discutir e construir saberes.

Referências

- BAPTISTA, C. Inclusão ou exclusão? In VEIGA-NETO, A.; SCHMIDT, S. (Orgs.) A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 31-40.
- CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MANTOAN, M. T. E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In STOBÄUS, C. D.; MOSQUERA, M. (Orgs.). Educação Especial: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 27-40.
- _____. Quem tiver que conte outra. In MANTOAN, M. T. E. (Org.). Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnon, 2001. p. 223-240.
- MITTLER, P.; MITTLER, P. Educando para a inclusão. Educação Brasileira, Brasília: CRUB, v. 21, n. 43, p. 43-63, jul/dez. 1999.
- RODRIGUES, D. A educação e a diferença. In RODRIGUES, D. (Org.) Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva. Porto: Porto Editora, 2001. p. 13-34.
- RODRIGUES, L. do A. B. Inclusão escolar: a aceitação de alunos com deficiência mental pelos professores de classes comuns. 1999. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- WARWICK, C. O apoio às escolas inclusivas. In RODRIGUES, D. (Org.) Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva. Porto: Porto Editora, 2001. p. 109-122. (Coleção Educação Especial)

Correspondência

Josiane Pozzatti Dal-forno - Rua Alexandre Paiva, 46, Restinga Seca, RS, CEP: 97200-000. E-mail: josianepdf@yahoo.com.br

Valeska Fortes de Oliveira - Universidade Federal de Santa Maria/ Centro de Educação - Departamento de Fundamentos da Educação - Campus Universitário - Camobi - CEP: 97015-900, Santa Maria, RS. E-mail: guiza@terra.com.br

Recebido em 10 de agosto de 2005

Aprovado em 06 de setembro de 2005

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2005 - Nº 26 > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**